



Comunicação e Educação: reflexões iniciais sobre a convergência destes campos na formação de professores.¹

Sérgio Fabiano Annibal²
Leonardo Ribelatto Lepre³
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

Resumo

Este texto traz reflexões iniciais sobre pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade do Oeste Paulista em Presidente Prudente/SP. Tem como sujeitos da pesquisa professores do Ensino Superior (Curso de Pedagogia) de uma instituição privada do interior do Estado de São Paulo e busca compreender mais as Representações Sociais que eles têm sobre a importância de se considerar a convergência entre Comunicação e Educação na licenciatura. Trata-se de uma abordagem qualitativa, com opção pelo estudo de caso e utilização de entrevistas. Como resultado, esperamos trazer reflexão para a formação de professores no Ensino Superior, considerando esta convergência entre os campos como possibilidades de maior percepção e trânsito dos sujeitos envolvidos nestas relações de ensino na cultura.

Palavras-chave

Formação de Professores, Ensino Superior, Comunicação e Educação

Corpo do trabalho

Este texto parte de reflexão inicial sobre uma pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo que vem sendo desenvolvida desde o início deste ano de 2013 sobre as relações entre Comunicação e Educação.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Comunicação e Educação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste realizado de 12 a 14 de Junho de 2013.

² Doutor em Educação pela UNESP-Marília. Mestre em Estudos Literários pela UNESP-Araraquara. Graduação em Letras pela UNESP-Araraquara. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores (GEPLENP) da UNESP-Assis. Docente do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente/SP. sergioannibal@gmail.com.

³ Mestrando em Educação na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente/SP. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) Presidente Prudente/SP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores (GEPLENP) da UNESP-Assis. email@leolepre.com.br.



“Há um consenso entre autores e pesquisadores da atualidade sobre o papel da mídia como formadora das identidades e como poder determinante dos comportamentos e atitudes dos cidadãos em suas vidas públicas e privadas.” (GOIDANICH, 2002, p. 74). As palavras de Goidanich nos remetem a realidade da sociedade atual, onde as mídias estão presentes e interferem tanto na formação de identidade individual, quanto coletiva, como reguladora de condutas e atitudes. E isso se dá diariamente, desde o momento em que acordamos e nos sentamos à mesa para ler nosso jornal ou assistir as notícias da TV, seja no trabalho aos nos depararmos com as notícias da internet ou nos momentos de lazer, quando ouvimos rádio.

A mídia está presente em todos os momentos, e sua forma de interação ocorre de formas diferentes, apresentando diferentes níveis de compreensão para as pessoas. Ao pensarmos a mídia aliada à Educação, não podemos tomar sentidos maniqueístas, mas considerarmos que o desvelamento dos níveis de linguagem, a problematização dos meios na cultura e as transformações que elas podem provocar na subjetividade e no funcionamento desta cultura tem que ser levados em conta, pois contribuem para a construção de sentidos tanto sobre a performance individual e coletiva na realidade sociocultural quanto das representações dos sujeitos sobre a própria dinâmica social e cultural. Podemos, inclusive, pensar na mídia enquanto mediação cultural (Martín-Barbero, 2001).

Ao colocarmos a problemática na ação da mídia na cultura e nas consequências que decorrem desta ação no funcionamento cultural e nos sujeitos envolvidos neste processo, teremos como contribuição a tentativa de discernimento para diferenciar no interior deste funcionamento, promovendo, para tanto, uma avaliação em prol da cidadania e da autonomia dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Essa abordagem da mídia pode nos conduzir a questionar a imposição a que somos submetidos desde os anos escolares iniciais, entendendo as partes em detrimento do todo:

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor, e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2010, p.15)



Sendo assim, um investimento mais assertivo em uma construção conjunta, concatenada e visualizando o processo educacional como um conjunto em que a mídia faz parte e encontra-se integrada, possivelmente, contribuirá para afastar uma edição do olhar, pois a contextualização e o entendimento dos signos em consonância com a cultura estarão como eixos norteadores deste trabalho. Logo:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos [...] Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. (FREIRE, 1985, p45)

Partindo deste pressuposto de que o pensamento se constrói por meio da comunicação, onde as partes se conversam e a partir da troca de ideias e informações se constrói conhecimento, é possível entender que: a formação de cidadãos críticos depende de uma mudança de postura em sala de aula, no qual o processo de comunicação necessita ter como princípio fundador a interação de todas as partes na cultura. Portanto, a intenção é que os alunos sejam autônomos, sintam-se preparados para dar opinião, para agir ao invés de aceitar tudo passivamente.

Considerando que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1985, p.46). Neste sentido, a comunicação é essencial tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na formação de cidadãos com voz ativa.

Esta mudança de olhar em direção às práticas pedagógicas é um grande desafio, à medida que se necessita revisar alguns posicionamentos diante da mídia e de seu papel na Educação. Talvez, o desafio é procurar o olhar de conjunto, interligado e dialogando com as várias instâncias socioculturais. O diálogo e a interação são partes essenciais e vitais ao entendimento e percepção sociocultural do sujeito individualmente e na coletividade. O saber escolar e o saber midiático juntos como integrantes da cultura nos possibilita verificar um nova lógica de funcionamento da cultura. Segundo Jacquinet (apud SOARES, ..p.6): muitos fatores opõem de fato a escola tradicional e o sistema de meios, em seus papéis concorrentes da transmissão da cultura e da formação dos sujeitos individuais e sociais:



- Um é voltado para o passado (o patrimônio), os outros só interessam pela atualidade;
- Um repousa sobre a lógica da razão, os outros sobre a surpresa do acontecimento, o impacto e o emocional;
- Um constrói-se na durabilidade, os outros na efemeridade;
- Um procura formar os cidadãos, os outros os consumidores.

Como aliar estes interesses na superação das diferenças? Uma das possibilidades de resposta, talvez, venha pela reflexão mais abrangente e menos maniqueísta acerca das mídias em cursos de formação de professores, encarregados da formação inicial de cidadãos: os pedagogos. Diante disso, emerge a necessidade de adentrar pelos cursos de ensino superior para investigar como está sendo realizada a formação destes profissionais e, sobretudo, compreender a representação que eles têm sobre a mídia e sua relação de convergência com e escola. Para que a partir daí possamos pensar em possibilidades de reflexão acerca da formação de professores em relação às mídias neste processo entre Comunicação e Educação.

De acordo com Soares (2011, p.7), a relação entre mídia e escola podem suscitar diferentes posições:

- Ou bem ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola e ignoram a diversidade das realidades sociais e culturais;
- Ou bem introduzem os meios na escola e servem-se deles para atingir seus objetivos pedagógicos, esquecendo-se, contudo, que trabalhar sobre os meios e suas mensagens.
- Ou bem ainda, criam cursos especializados de “educação para os meios”, sem que nada mude no conjunto das outras práticas escolares.

Ou ainda, segundo este autor utilizando-se das ideias de uma professora da Sorbone, existe um quarto caminho: “ [...] a educomunicação, que se caracteriza como sendo uma via, mais exigente tanto para alunos quanto para mestres, mas a única possível no contexto da sociedade de amanhã, tendo em vista que o educador aproxima a escola da comunicação, a partir de uma perspectiva cidadã.



Concordamos que a Educomunicação apresenta alternativa para se pensar a convergência entre a Comunicação e Educação, pois vai aliar um conjunto de iniciativas dos movimentos populares no Brasil e na América Latina, da Educação não formal e, principalmente, de vários setores da sociedade interessados em superar práticas pedagógicas e posicionamentos tecnicistas e operacionais herdados período ditatorial brasileiro. Pode ser visto como uma tentativa de se rever modelos tanto na escola quanto na sociedade, buscando uma sociedade mais democrática e, para isso, a Comunicação por meio das mídias teria importante papel transformador.

A Educomunicação não se restringe a pensar os meios em contato com a escola e nem a leitura crítica destes meios, engloba tudo isso, mas torna-se mais arrojada por propor uma nova dinâmica para as práticas escolares e relações didáticas quando traz a ideia dos “ambientes educacionais”. (SOARES, 2011)

É algo realmente inovador e o importante é observar que não surge artificialmente para a Educação, não é resultado de imposições, mas, pelo contrário, é resultado de uma movimentação da cultura latino-americana em busca da democracia e de uma nova ordem sociocultural em que o sujeito escolar tenha acesso às noções de autonomia e protagonismo.

A Educomunicação apresenta como característica a interação com os alunos, dando autonomia e proporcionando um espaço para discussão das informações obtidas por meio da mídia, e a construção de conhecimento coletivo, como cita Lalli e Hernandez (2009, p.443):

O educador aparece como um profissional inserido nesse contexto de mudanças que utiliza os meios de comunicação e a tecnologia da informação para proporcionar ambiente de aprendizagem que vai além da aquisição dos conhecimentos escolares. Aproveita o interesse que a TV, a internet [...] já produziu no aluno e insere de maneira criativa, o conteúdo a ser aprendido e assimilado [...] sempre estimulando a criatividade e o trabalho em conjunto.

Com isso, pretendemos que nossas intenções de pesquisa em nível de Mestrado suscitem reflexões sobre esta convergência entre Comunicação e Educação e o novo campo da Educomunicação parece nos oferecer oportunidade de se pensar estas relação entre campos, ofertando, inclusive, mais uma possibilidade de mudança nas práticas escolares no sentido sempre interdisciplinar, interativo e comunicativo.



O objetivo geral desta pesquisa é o de ter acesso para que se possamos refletir acerca das representações sociais das mídias e da relação entre Comunicação e Educação dos docentes do Ensino Superior, neste caso específico, o curso de Pedagogia de uma Universidade Privada do interior do Estado de São Paulo.

Como objetivos específicos, pretendemos discutir a importância para a cultura escolar desta relação entre os campos da Comunicação e da Educação; resgatar as principais tentativas desta relação da Educação com a Comunicação; refletir sobre a alternativa oferecida pela educomunicação; identificar a relação do docente com as mídias; e analisar a relação existente entre a mídia e a prática docente.

Qualquer trabalho de cunho científico inicia-se com a constatação de um problema e a vontade de solucioná-lo ou dependendo do contexto, propor formas de amenizar suas conseqüências ou melhorar uma situação.

Neste caminho traçamos objetivos, que nos norteiam durante a elaboração, para que não percamos o foco na resposta que procuramos. Porém, para que se possa atingi-los se faz necessário a utilização de ferramentas, ou melhor, de métodos de pesquisa. É através destes que a investigação se tornará válida e verdadeira, uma vez que são eles os responsáveis pela forma de condução do trabalho e, conseqüente sucesso ou insucesso alcançados, logo são de grande importância, dentro do contexto definido.

Como menciona Lakatos (2005, p.83):

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Assim sendo, o procedimento metodológico escolhido para conduzir nossas intenções de pesquisa, de modo amplo e válido do ponto de vista epistemológico é o estudo de caso. Escolha esta, que se justifica pelo fato deste método propiciar uma análise ampla e profunda do caso específico, sem excluir, contudo, toda forma de generalização, como afirma Laville (1999, p.156-157):

A vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa, é claro, na possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se vêem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação com outros casos [...] Essa profundidade ligada ao caso particular não exclui, contudo, toda forma de generalização. Isso porque o pesquisador tem habitualmente uma idéia clara e precisa do que pesquisa e sabe escolher casos exemplares para logo considerar não somente os aspectos que lhe



convêm em relação a suas expectativas ou opiniões, mas todos os que podem se verificar pertinentes. (LAVILLE, 1999, p.156-157)

A ênfase dada pelo autor deixa evidente que dentre as características do estudo de caso, o foco no objeto e a possibilidade de estudar com maior profundidade um grupo pequeno de sujeitos, predominam como pontos fortes deste método. E se encaixam perfeitamente ao perfil desta pesquisa, que pretende estudar a fundo um grupo pequeno de professores do referido curso de Pedagogia.

O universo que esta pesquisa se propõe a analisar é composto por dez docentes do curso de Pedagogia de uma Instituição particular de Ensino Superior do interior do Estado de São Paulo. Tem como finalidade investigar a formação, características e abordagens de ensino destes profissionais para se compreender as representações sociais (CHARTIER, 1990) que permeiam suas práticas em relação às mídias e em relação à convergência entre a Comunicação e a Educação.

A recolha de dados se caracteriza como um contato direto do pesquisador com os sujeitos pesquisados, buscando as respostas necessárias para elaboração dos resultados de pesquisa e conseqüente alcance dos objetivos traçados. Neste sentido, existem diversas ferramentas que possibilitam esta coleta de dados, neste caso, a abordagem utilizada será a entrevista. Que é definida por Gil (1994, p.113), como sendo:

[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Dentro desta perspectiva, o pesquisador necessita de grande dose de cautela, precisa saber administrar as diferenças, e aproveitar o intercâmbio com a realidade para extrair o máximo possível de informações dos sujeitos entrevistados. Sendo assim, além de formular perguntas que contemplem todo o universo em análise, o pesquisador deve se comportar de maneira que transmita simpatia e confiança, deixando o entrevistado à vontade para falar.

A seguir Goldenberg (1997, p.88) enumera algumas vantagens advindas da aplicação desta técnica:

- Pode coletar informações de pessoas que não sabem escrever;



- As pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
- Maior flexibilidade para garantir a resposta desejada;
- Pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições;
- Instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções;
- Permite uma maior profundidade;
- Estabelece uma relação de confiança e amizade entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados.

Vantagens que confirmam a entrevista como método de coleta de dados adequada para esta pesquisa. Pois, permite o contato direto do pesquisador com os sujeitos e com o cenário no qual se encontram inseridos, possibilitando uma análise completa da realidade, para posterior comparação com a teoria, na busca por resultados válidos e representativos para se entender as representações sociais destes sujeitos no interior do campo de atuação: o Ensino Superior.

Os dados recolhidos só ganham sentido, quando são analisados. Portanto, Bogdan e Biklen (1994, p.205) evidenciam a ligação de dependência destas duas etapas:

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão do que deve ser transmitido aos outros.

Sendo assim, não é possível separar uma fase da outra, ao passo que os instrumentos utilizados na recolha trazem implicitamente a forma de análise destas informações, cujo tratamento pode ser de três tipos diferentes: interpretativo, numérico ou numérico-interpretativo, neste caso, optou-se pela abordagem antipositivista ou qualitativa:

[...] os métodos qualitativos têm uma orientação antipositivista, ou seja, são norteados pelo paradigma interpretativo. Dessa forma, a racionalidade cede espaço à subjetividade. A visão reducionista se



amplia para a tentativa de entendimento aprofundado do objeto em estudo [...] o propósito das pesquisas que seguem o paradigma interpretativo vai mais além, é preciso interpretar os acontecimentos, entender as relações existentes entre as variáveis [...] Um estudo qualitativo é capaz de revelar uma riqueza maior de dados, bem como facilita uma exploração maior de eventuais contradições e paradoxos. (GOMES; ARAUJO, 2005, p.6)

De acordo com estes autores, na abordagem qualitativa, predomina-se o olhar subjetivo, ao invés do meramente racional, e a interpretação, como forma de compreender a relação existente entre os indivíduos envolvidos e o contexto. Aliando este aspecto ao fato de que as respostas obtidas por meio das entrevistas, serão gravadas e posteriormente transcritas em linguagem escrita. Para viabilizar a análise qualitativa é imprescindível a realização de uma análise de conteúdo, que de acordo com Souza (2008, p.73):

[...] consiste em estudar, detalhadamente, as palavras e frases do texto; identificar aquilo que é essencial no tocante ao tema e às idéias centrais da investigação; apreender seu sentido, capturar seu significado no contexto; avaliar, comparar e suprimir o que não seja útil ou, simplesmente, acessório.

Ao ressaltar a importância que a análise de conteúdo tem no processo de viabilização da abordagem qualitativa, por propiciar a interpretação cuidadosa das respostas dadas pelos sujeitos, identificando por um lado o que apresenta de relevante com o conjunto da pesquisa e por outro o dispensável e o acessório, busca, indubitavelmente, colaborar com o alcance dos objetivos desta investigação.

Desse modo, pretendemos compreender por meio das Representações Sociais de que forma as práticas pedagógicas e a organização institucional deste Curso Superior se apresenta diante desta convergência entre a Educação e a Comunicação.

Esperamos como futuros desdobramentos desta pesquisa contribuir para ampliar reflexões sobre a convergência entre estes campos nos cursos de formação de professores (licenciaturas), pois como já assinalamos nesta breve discussão que promovemos neste texto, pensar estas questões não significa simplesmente ter em mente a presença dos meios na escola ou no discurso dos professores, dos gestores ou das políticas públicas em Educação, mas considerar os impactos desta presença na estruturação de um projeto para formação destes professores e o sentido de tudo isto para uma sociedade onde princípios como democracia, percepção mais arrojada da



cultura em que estes sujeitos se inserem, protagonismo e autonomia não se restrinjam a um discurso vazio, todavia, se concretize nas práticas que envolvem as relações entre os sujeitos e o mundo.

Além disso, acreditamos que a Educomunicação da forma que vem sendo discutida pode contribuir imenso para se vislumbrar este novo espaço que a convergência dos campos sinaliza e, finalmente, deixamos como ponto partida para novas indagações o desejo de aprofundamento nessas Representações para que nos seja possível pensar em alternativas se pensar cada vez mais esta relação e sua operacionalização, não de forma instrumental e de superfície, mas de forma profunda e entranhada na cultura.

Referências bibliográficas

- BELLONI M. L. **Mídia – educação ou comunicação educacional? Campo novo de teoria e de prática.** In A formação na sociedade do espetáculo. Edições Loyola, 2002.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto editora, 1994.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GOIDANICH, M. E. **Mídia, Cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos?** In A formação na sociedade do espetáculo. Edições Loyola, 2002.
- GOMES, F. P. ; ARAUJO, R. M. **Pesquisa quanti-qualitativa em administração: uma visão holística do objeto em estudo.** In: VIII SEMEAD - Seminários em Administração, FEA - USP, 2005, São Paulo. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/152.pdf> Acesso em 01 de Setembro de 2011 as 8:00.
- LAKATOS, E. M. **Metodologia de trabalho científico.** 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- LALLI, S. J. T.; HERNANDES, M. L. Q. G. 2009 . **Educomunicador- educação, comunicação e tecnologia na formação do cidadão.** Disponível em http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/_anuiic/article/viewFile/552/485 . Acesso em: 12/12/2010.
- LAVILLE, C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: UFMG, 1999.
- RUIZ, A. R. **Tecnologia, conhecimento e docência.** In **Ação docente no cotidiano da sala de aula práticas e alternativas pedagógicas.** Arte e Ciência editora, 2009
- SOARES. I. O. **Uma educomunicação para cidadania.** Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arc/textos/6.pdf> Acesso em 30 de agosto de 2011 as 22:38
- SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.